

DA GERAÇÃO DO TEXTO AO RITMO DA ESCRITA

FROM TEXT GENERATION TO THE WRITING RHYTHM

Guilherme Aparecido de Souza¹

Resumo: *Com este trabalho, pretende-se verificar o processo de demarcação do ritmo da escrita, pois se acredita ser esse um dos fatores que auxilia para a diminuição do abismo que permeia as modalidades escrita e falada. Conforme a metodologia aqui adotada, a pontuação e sua ausência prestam-se à depreensão desse ritmo da escrita. Além disso, julga-se que as funções pragmáticas, segundo a visão do teórico Dik (1989), também colaboram para a verificação do ritmo. Os dados observados são constituídos por textos escritos extraídos de entrevistas do grupo de estudos Discurso & Gramática (RJ), que trabalha com pesquisas na área de linguística funcional.*

Palavras-chave: *Heterogeneidade; Dimensões linguísticas; Gramática Funcional.*

Abstract: *We aim at verifying how writing rhythm process is demarked. We believe that the process is one of the factors that provide the reduction in the chasm between written and oral modalities. According to the adopted methodology, the punctuation is proper for inferring that rhythm, as well as its absence. Besides that, the pragmatic functions are believed to cooperate in the inference of the rhythm, according to Dik (1989). The analyzed data are composed by written texts of interviews. Those texts are from a data bank of the research group of studies called Discourse and Grammar (RJ), that leads with studies in the area of Functional Linguistics.*

Keywords: *Heterogeneous; Linguistic dimensions; Functional Grammar.*

1 Introdução

Nas últimas duas décadas – ao menos, com mais intensidade nesse período –, pesquisadores cumprem o propósito de deslindar os “universos” que circundam as modalidades escrita e falada, os quais são vistos por muitos como paralelos² (no início dos anos 2000). Citam Saussure (que escreveu no início do século) e Marcuschi (1998), que, entre outros, reconhece a relação fala-escrita não mais como uma forma estanque e dicotômica, mas sim dialógica (em contato com outras vertentes e abordagens linguísticas, possibilitando diversas interpretações deste fenômeno), ao mudar os parâmetros (escritos) que serviam de base para o desvelamento da fala.

Inúmeras peculiaridades, dessa maneira, deixaram de existir entre essas modalidades, o que possibilitou a aproximação das mesmas. Tais “peculiaridades”, como arbitrariedade do signo, leis internas do código, dentre outros, não deixaram de existir. No entanto, é necessário

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (IBILCE/UNESP). São José do Rio Preto, Brasil, e-mail: conecctado@hotmail.com

² Saussure (1969) é exemplo salutar: para ele, a língua escrita está pautada no respeito à norma e na regra de boa-formação e correteude, além de ser monolítica e homogênea; ao passo que a fala é o oposto perfeito.

ter em mente que nem todas as idiossincrasias da fala e da escrita podem ser ignoradas pelos linguistas. Isso significa aceitar, por exemplo, a diferença de suas bases semióticas: uma gráfica e a outra oral. E é com essa mentalidade, embasada em diferenças intransponíveis entre as modalidades, que a questão do ritmo surge neste trabalho: teria a escrita um ritmo? Seria esse diferente daquele presente na fala? Até agora, estudos atestam positivamente essas perguntas. Nas palavras de Abaurre (1996), por exemplo, o ritmo da escrita é diferente daquele observado na fala, pois o primeiro é espacialmente delimitado, enquanto o último é temporalmente.

Com o intuito de corroborar para este entendimento de interpretação das modalidades oral e escrita, este trabalho propõe-se a averiguar a pontuação nas produções textuais, levando em consideração que a mesma é responsável pela percepção do ritmo escrito. Além disso, por meio de um enfoque funcionalista de língua, tenta aliar à pontuação uma outra estratégia de apreensão do ritmo: o reconhecimento das funções pragmáticas extra-frasais (Tema e Antitema) e intra-frasais (Foco e Tópico). Dessa forma, a relação com a fala ocorre na observação das estratégias feitas pelo discente para efetuar sua escrita, já que muitos textos são feitos sem revisão, pois muitos estudantes escrevem ‘de uma única vez’, redigindo seu pensamento instantaneamente – com forte influência da oralidade.

Com relação à forma de organização deste estudo, explicitar-se-á a teoria condutora deste. Em seguida, os *corpora* e a metodologia utilizados são apresentados. Segue-se com a descrição e discussão dos dados e, finalmente, algumas considerações são feitas.

2 Metodologia

Os *corpora* analisados neste trabalho são compostos por seis textos produzidos por alunos de uma classe de alfabetização do supletivo (nível fundamental), extraídos do grupo de estudos *Discurso & Gramática*, do Rio de Janeiro. Foram selecionados quatro gêneros: relato de opinião (três amostras), relato de procedimento (um exemplar), narrativa de experiência pessoal e narrativa recontada (cada qual com uma amostra). Objetivando fornecer um número maior de informações quanto ao gênero textual que determinado excerto faz parte, serão colocadas, ao final de cada extrato, as iniciais RO (relato de opinião), RP (relato de procedimento), NEP (narrativa de experiência pessoal) e, finalmente, NR (narrativa recontada), seguidos pelo número do informante. Por exemplo: *Telê assume o comando da seleção*. (RO71)

Vale mencionar que os textos são transcritos da mesma maneira que foram produzidos. Assim, são conservadas as grafias e espaçamentos empregados pelos produtores desses.

A análise dos dados foi realizada com orientação nos trabalhos produzidos por Abaurre, especialmente aquele realizado em 1991: as pistas para a detecção do ritmo são os sinais gráficos, isto é, a pontuação, uma vez que esta especifica “um modo característico de dizer algo: construir toda a atividade enunciativa exclusivamente por meio de estruturas linguísticas” (CHACON, 1998, p. 77).

Ainda, outra forma de observar a presença de um sujeito numa enunciação e, conseqüentemente, a do Outro é considerar as funções pragmáticas, as quais, juntamente com a pontuação, vêm a auxiliar no deslindamento do ritmo da escrita. Por funções pragmáticas, em uma Gramática Funcional, entende-se o conjunto completo do conhecimento, crença, suposições e sentimentos disponíveis aos falantes no momento da interação. Elas são atribuídas a constituintes em um modo similar as funções sintáticas. Frequentemente, esses constituintes já terão uma função semântica e, possivelmente, uma sintática. Ademais, essas funções são responsáveis também pela organização social do discurso, por apresentarem características próprias, desde prosódicas a sintático-semânticas, que são empregadas para dar início, meio ou fim a um fluxo informacional.

Finalmente, os dados serão separados em três maneiras, conforme se observa em Chacon (1998): aqueles que apresentam interrupção do fluxo verbal, os que suspendem o fluxo e os que equivalem a um fluxo completo.

3 Fundamentação teórica

A visão dicotômica da produção oral e escrita, como já foi mencionado anteriormente, é fruto da “pureza projetada como característica ideal da escrita” (CORRÊA, 2000, p. 7). Ela é entendida, portanto, como um produto acabado, uma forma de registro, um mero código, o que tem sido propagado e perpetuado pela escola, ao exigir uma “expressão escrita” idealizada, sem erros ortográficos, sem intromissões da língua falada com seus “jargões próprios”, gírias. Os resultados de tal postura escolar podem ser observados no crescente número de evasão dos alunos, que alegam não empregar a língua ensinada. Mas mudanças no sistema educacional só poderão ser requeridas quando os profissionais que estudam os fatos

da língua tomarem consciência da impossibilidade de sustentação dessa contrariedade entre fala e escrita.

Atualmente, alguns meios de percepção dessa realidade vêm sendo apresentados, entretanto a aplicação dos mesmos ainda é restrita. Uma dessas formas de constatar as semelhanças e, concomitantemente, as particularidades de cada modalidade é o reconhecimento do ritmo diferente da escrita e da fala. Acredita-se que, ao analisar o fluxo de comunicação em uma produção escrita e atribuir ao mesmo um ritmo que lhe é peculiar, “erros” de pontuação e de concatenação sintática serão mais bem entendidos e deixarão de ser considerados como equívocos do escrevente.

Por ritmo entende-se não aquela “concepção métrica redutora” (CHACON, 1998, p. 17), mas “a organização singular das unidades (descontínuas) da linguagem num fluxo (contínuo) de discurso” (CHACON, 1998, p. 28). São unidades descontínuas por serem elementos individuados que são dispostos linearmente, apresentando uma continuidade.

O ritmo é responsável por dar forma, organização ao discurso, o que equivale dizer, dar o sentido ao mesmo. Segundo Meschonnic (*apud* CHACON, 1998), o ritmo, assim concebido, proporciona evidências empíricas de que somente existe sentido graças a e para um sujeito. Dessa maneira, pode-se perceber o papel do ritmo na revelação de um sujeito, um eu no discurso, visto aqui como uma função e não como um lugar. Por outro lado, se se é possível observar a atividade subjetiva de um escrevente, também é plausível verificar a presença de um Outro (cf. AUTHIER-REVUZ, 1990) no discurso, por meio de discursos diretos, retoques, entre tantas formas de marcação.

Como explicitado acima, o ritmo capta o deslizamento do eu, uma vez que “faz com que o social se torne o individual, e que o indivíduo possa, fragmentariamente, indefinidamente, acender o estatuto de sujeito, que só pode ser histórico e social” (MESCHONNIC, *apud* CHACON, 1998, p. 34). Visto que aponta para o que é histórico, temporal, o ritmo instala o tempo na linguagem, conferindo ao fluxo discursivo um movimento e duração.

Colocado dessa maneira, o ritmo da escrita, ou o convívio do uno com a heterogeneidade, não mais pode ser negado ou negligenciado, ao contrário: a fim de melhor compreender o processo de produção textual, é preciso considerá-lo.

4 Análise

Já é sabido que o ritmo será apurado no *corpus* selecionado por intermédio da pontuação e das funções pragmáticas. Por essa razão, faz-se agora uma análise geral da pontuação empregada nesses textos e, em seguida, das funções pragmáticas empregadas.

Quanto à pontuação, verificou-se a não-utilização de vírgulas nos discursos produzidos, bem como a inexistência de sinais como ponto de exclamação, de interrogação, ponto e vírgula, para citar alguns. Na verdade, só foram constatadas ocorrências de ponto final e reticências. Isso não significa dizer que alguns sinais se tornaram desnecessários; parece ser mais plausível admitir que outras estratégias foram empregadas para suprimir a falta deles. Veja o exemplo (1):

(1) *Parreira tem que voltar para o lugar dele. que é no Bragantino.*(RO71)

Neste trecho, cujo assunto é seleção brasileira, o escrevente lança em seu discurso o que poderia ser caracterizado como um tipo de “correção”, ao especificar o lugar em que o técnico deveria regressar. Por ser essa uma informação de caráter explicativo (note que é esse o intuito do escrevente: não suscitar dúvidas em seu leitor quanto ao espaço reservado para o técnico) e também não fazer parte da frase – caso seja retirada, ainda se obtém uma frase completa – ela é apresentada após uma pausa relativamente longa, mas não tão longa a ponto de justificar o emprego de um ponto final. No entanto, ainda que não tenha empregado a vírgula, que seria mais adequada, a “distância” entre essa porção explicativa (conhecida também como Antitema) e o texto foi expressa. E distância é realmente uma das características do Antitema, que é separado da oração por uma pausa entonacional própria.

O emprego do Antitema pode ser também considerado como uma prova para a “circulação dialógica do escrevente” (CORRÊA, 2000) e para a manutenção da derrubada do mito de a escrita ser descontextualizada: a imagem que o escrevente faz da expressão falada na escrita, justificando a adoção de determinadas marcas e variedades linguísticas que ele empregada. Em outras palavras, o escrevente possui uma imagem de seu interlocutor, ou melhor, leitor e, partir dessa imagem, orienta suas escolhas e organiza seu discurso: palavras adequadas para um público específico.

Ainda, com relação ao uso de uma pontuação não tão adequada, segundo as normas de uma gramática mais tradicional, justifica-se o emprego do ponto final pela presença do Outro:

este seria o modelo já institucionalizado, interferindo na produção subjetiva, modelo que determina a utilização de uma marca gráfica depois de um período de silêncio.

Tem-se ainda o ritmo cadenciado pelas duas frases. Conforme apontado anteriormente, a pausa efetuada dá cadência a enunciação, mas esta poderia ser mais curta, pois ambas as orações se complementam, não necessitando do primeiro ponto final apresentado.

No que tange ao uso das funções pragmáticas, O Tema foi a mais encontrada como estratégia de demarcação do ritmo e é ilustrado em (2):

(2) [...] e escola *eles picha a parede da escola* (RO72)

Como o Antitema, o Tema não faz parte da estrutura frase. Sua função é apresentar o universo discursivo com relação ao qual é relevante enunciar a predicação que o segue (DIK, 1989). Na gramática tradicional, essa porção de informação seria um anacoluto, e obrigatoriamente teria de ser seguida por vírgula; no entanto, ainda que não haja a vírgula, ou qualquer outro sinal de pontuação, o leitor pode recuperar a função do constituinte *escola*, em razão da pausa que essa pista carrega. Isso é comprovado também por outras pesquisas com construções similares a essa (cf. PEZATTI, 1998). Ademais, a presença da função Tópico (entidade sobre a qual se diz algo) atribuída ao elemento *eles* fornece a continuidade do fluxo informacional.

A pausa constituinte do Tema é também uma descontinuidade, pois “quebra a fluência” do enunciado e esse é mais um argumento para a comprovação da presença do Outro (é válido lembrar que o Tema *escola* foi sugerido pela entrevistadora).

As funções pragmáticas, bem como a pontuação, propiciam a delimitação das unidades rítmicas de um fluxo verbal de três modos: por meio de interrupção do fluxo sintático, por suspensão desse e por completude do mesmo. Isso não implica que sempre essas três maneiras serão encontradas isoladas. Pensar assim seria ingênuo e, até mesmo, perigoso, uma vez que inúmeras informações contidas em um enunciado não seriam percebidas. Somente por razões didáticas, optou-se por apresentá-las separadamente.

No *corpus* deste trabalho, foram verificadas as seguintes sequências que correspondem a interrupção do fluxo:

(3) ... *foi assim conheci meu namorado em clube de danças... ele era 1 dos componente do conjunto... que tocava no baile ou melhor ele tocava e cantava nesse conjunto... musical.* (NEP77)

(4) *Onibus... foi assim o onibus estava no ponto final aí ela e como todo mundo que se encontrava naquele ponto foram entrando dentro de onibus que conseguir se sentar sentou e outros ficam em pé...* (NR77)

Em (3), a interrupção do fluxo da enunciação ocorre pela inserção de uma autocorreção *ou melhor*, uma vez que a escrevente pretende fornecer informação mais acurada sobre seu atual marido. Para tanto, uma expressão que invalide o que fora escrito anteriormente é utilizada, acrescida de um contorno entonacional diferente dos demais elementos do enunciado, o qual recai em *cantava*, caracterizando não só uma alteração prosódico-semântica, mas a função pragmática de Foco (informação diferente daquela detida pelo destinatário, considerada pelo falante como a mais relevante).

As reticências que seguem a palavra *conjunto*, vale ressaltar, não devem ser entendidas como suspensão do fluxo verbal, e sim um maior esclarecimento ao leitor, por parte da escrevente, sobre o tipo de conjunto em que o marido tocava. Como já foi explicitado, esse tipo de pausa depois de uma unidade rítmica é constitutivo da função Antitema.

Já em (4), o comentário feito pela escrevente corta o fluxo da unidade rítmica ela foi entrando, que teve de ser reformulada, isto é, pluralizada, a fim de atender a regras de concordância. Além disso, o fato de somente *ela* ser Tópico também fortalece a interpretação de ser a parte sublinhada uma intromissão, visto que sentenças de Tópico e comentário formam uma única unidade rítmica.

Embora a interrupção, a principio, pareça ser uma suspensão do fluxo enunciativo, há diferenças entre elas: na interrupção, há uma quebra do fio discursivo; além disso, o pensamento inserido nessa ruptura não parece ser puramente o do escrevente: mais do que nunca, em uma interrupção, a presença do Outro é verificada. A suspensão, por sua vez, não cessa a continuidade do fluxo discursivo, ao contrário: cria uma expectativa que deverá ser satisfeita, quer pelo escrevente, quer pelo leitor.

Exemplos de suspensão do fluxo verbal são transcritos abaixo:

(5) *A minha prima falou para mim que saiu com o marido as minha colega que ele estava gostando dela soque eu não acrititei niso porque homem quando ele quer convese uma garota ele promete tudo (...)* (NR72)

(6) *A escola e uma coisa muito legal só que os animais estraga e a escola eles picha a parede da escola (...)* (RO72)

(7) (...) *ninguém é ouprigado a faze o que não quer destruir a escola e uma pena que esesite pessoa assim (...)* (RO72)

(8) *afinal e bom ter uma familia unida e feliz para isso e presizo respeito dos filhos para com os pais (...)* (RO76)

(9) (...) *para fazer um bolo você presisa de todos os ingredientes que são a suca manteiga olio ovo farinha fermento é leite (...)* (RP76)

Na interpretação de uma gramática tradicional, as orações justapostas criam uma expectativa; isso realmente acontece graças à entonação diferenciada dessas, em relação ao restante da sentença. Ainda que não haja a pontuação, as funções pragmáticas conseguem detectar as unidades rítmicas. Por exemplo, em (5), insere-se ao Tema *homem* um comentário; como foi mencionado, o Tema apresenta uma entonação diferente dos outros elementos do enunciado, sendo ele mesmo uma unidade rítmica. Dessa forma, o comentário que o segue constitui uma outra unidade de ritmo, diferente da temática. Contudo, a completude desse comentário só é obtida com outra unidade rítmica de fluxo completa, *ele promete tudo*, constituída por um Tópico (*ele*) seguido por um comentário.

Situação semelhante é averiguada em (9): o Tema *para fazer um bolo* deve ser complementado pela unidade rítmica formada também por um Tópico *você* (genérico) e comentário. Também ocorre o mesmo caso em (6).

Em (8), o efeito suspensivo é proporcionado por um Tópico que, diferentemente dos outros encontrados, retoma a oração subjetiva *ter uma família unida e feliz* por meio do demonstrativo *isso* precedido de uma preposição de finalidade, e esta parece ser a razão pela qual a expectativa é criada.

As expectativas criadas nem sempre são preenchidas pelo escrevente, que deixa a critério do leitor completar “um trabalho inacabado”. Este é o caso de (7), em que, depois do Tema *destruir a escola*, nada é dito diretamente sobre esse assunto. No entanto, torna-se fácil concluir que a expressão *assim* embute os qualitativos *destruidora de escola*.

Vale mencionar ainda um efeito de suspensão obtido não por emprego de pontuação ou funções pragmáticas, mas sim por intermédio de espaços em branco, o que também parece retratar a presença do Outro no discurso de um eu (opinião comum: Cafu é melhor do que Dunga, aliás, muitos jogadores cujos nomes nem precisam ser mencionados):

(10) *poderia botar Cafu e tem muitos jogadores para colocar no lugar de Dunga.* (RO71)

Finalmente, ilustrações de fluxos enunciativos completos são apresentadas:

(11) *Parreira tem que voltar para o lugar dele.* (RO71)

(12) *A escola e muito legal (...)* (RO72)

(13) *eles picha a parede da escola quebra as cadeira (...)* (RO72)

(14) *eles não quer estudar da a vaga para outra pessoa que quer estuda* (RO72)

(15) *Ex-namorada. Ela foi assassinada... ao vir pra o serviço...* (NR74)

(16) *é porque a violência está tomando conta do Brasil.* (NR74)

Com exceção da amostra (15), todas as outras apresentadas apontam, claramente, a interferência de discursos alheios nos enunciados dos alunos. São frases prontas, comumente repetidas que, por esse motivo, não contêm interferências. Não se pretende dizer que as interrupções ou suspensões sejam constituídas, sempre, por sujeitos livres da presença de Outro, mas se assevera que grandes fluxos enunciativos são marcas registradas de uma exposição não-subjetiva.

Um outro exemplo que ratifica o que se expôs acima é encontrado em (17). O heterogêneo parece estar muito mais marcado nesta narrativa do que em todas as outras analisadas, já que, ao longo de sua narração, a escrevente fazia usos constantes de reticências, sendo as mesmas abandonadas no excerto que se segue:

(17) *esse quinto hoeme sacou de seus revolveres foi atirando a queima roupa matando-os ali mesmo dentro do ônibus...* (NR76)

Pelas próprias escolhas lexicais da escrevente, é possível notar a presença do Outro: *sacou de seus revolveres; a queima roupa; matando-os*, escolhas essas que dão um ar de crônica policial ao trecho.

5 Conclusão

Espera-se que, com esta breve análise, tenha sido possível demonstrar a possibilidade de apreensão do ritmo peculiar da escrita, tendo como principais meios de detecção a pontuação e, sobretudo aqui, as funções pragmáticas.

Acredita-se que a adoção das funções pragmáticas tenha sido de grande valia, pois a entonação, que caracteriza cada função – com exceção de Tópico - é também responsável pela organização da escrita, “na medida em que seu jogo funciona como suporte indispensável para a compreensão daquilo que é construído por meio de palavras” (CHACON, 1998, p. 18). Ademais, poucos foram os sinais de pontuação empregados, sendo a ocorrência desses ainda mais escassa.

No tocante à oralidade estar presente na maneira de pontuar as produções escritas observadas, exemplos de tal não são exceções. “Sensíveis ao ritmo da oralidade, as crianças fazem corresponder as delimitações rítmicas de sentenças em palavras nessa modalidade de linguagem às delimitações que fazem de palavras escritas” (CHACON, 1998, p. 34). Acredita-se ser essa uma afirmação válida não somente para crianças, mas também para adultos, seja no início de sua alfabetização – consoante este trabalho – seja com pessoas já alfabetizadas.

Não é somente, no entanto, essa transposição rítmica que está em jogo, e sim a expressão subjetiva de um eu. A subversão das normas de pontuação pode soar, então, como prova contundente da presença do heterogêneo que também constitui a escrita, na medida que, no corpus deste trabalho, constata-se o fluxo mais contínuo (sem interrupções por espaços em branco ou pontuação que expresse excitação) como uma intromissão clara da alteridade.

Referências

- ABAURRE, M. B. M. Os estudos linguísticos e a aquisição da escrita. In: CASTRO, M. F. P. (Org.). **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas: Ed. Unicamp, 1996, p. 111-178.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Caderno de estudos linguísticos**. Campinas, v. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.
- CHACON, L. **O ritmo da escrita**. São Paulo: Martins Fonte, 1998.
- CORRÊA, M. L. G. **A heterogeneidade da escrita e o ensino de Português**. São Paulo: USP, 2000.

DIK, S. C. **The Theory of Functional Grammar**. Dordrecht: Holland, 1989.

MARCUSCHI, L. A. **Língua falada e língua escrita no português brasileiro**: distinções equivocadas e aspectos descuidados. Berlim: instituto ibero-americano Preussischer Kulturbesitz, 1998.

PEZATTI, E. G. Constituintes pragmáticos em posição inicial: distinção entre tema, tópico e foco. **ALFA**, São Paulo, 42: 133-150, 1998.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1969.

Data de recebimento: 10 de setembro de 2016.

Data de aceite: 10 de novembro de 2016.